2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS–AGRICULTURA–INDUSTRIA–LITTERATURA–BELLAS-ARTES–NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 6. QUINTA FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXIV.

Aproveitaremos hoje as observações de M. Morel, a respeito da parte que tomou a Alemanha neste grande concurso.

«Nas sciencias, nas lettras, nas artes, tem a Alemanha feito as suas provas. Era esperada na Exposição Universal; com effeito compareceu, mas com certa demora, com certa negligencia, e como se não carecesse de um concurso para vêr proclamados os seus progressos em todas as fórmas da actividade industrial.

«A Alemanha divide-se na Exposição em tres grupos principaes, a saber, os estados não comprehendidos no Zollwerein (liga d'alfandegas), o Zollwerein, e a Austria. Os estados da Alemanha septentrional, não comprehendidos naquella liga, mostraram mediano empenho na remessa dos productos do seu territorio ou da sua industria, e á excepção da cidade de Hamburgo, todos se accommodaram facilmente n'uma coxia entre duas vigas. Até o Hanover, ligado por tão estreitos vinculos á Inglaterra, não tem mais de onze expositores: entre os raros productos naturaes enviados deste paiz, nota-se asphalto em bruto e preparado para diversos usos, e entre os objectos manufacturados, armas de luxo por M. Tanner, fabricante hanoverianno.

«A exposição de Bremen distingue-se unicamente por algumas obras de prata, lavradas com esmero, porém com o cunho do antigo genio germanico, pouca graça e muito symbolismo.

«O grão-ducado de Oldenburgo só expoz dois objectos de mera curiosidade; um modelo em cortiça do castello de Heidelberg, monumento de paciencia e de imitação: — um negalho de fio de linho fiado á mão, e que tem 1,500 jardas de comprimento, posto que não pese mais da quinquagessima parte de um arratel; não passa de um raro esforço, depois que as maquinas apearam da sua preponderancia as rodas e os fusos das camponezas.

«O Mecklemburgo-Schwerin appresenta uma collecção notavel de armas de fogo, e navalhas de barba adamascadas. Expoz mais amostras de madeira carbonisada, carvão de lenha, e de turfa pulverisado para servir de estrume, carvão de turfa para o fabrico do aço, vinagre de madeira, preparado principalmente para a conservação dos coiros curtidos, e destinado a substituir com vantagem as preparações arsenicaes que para o mesmo fim se empregam na America do sul.

«A cidade de Lubeck expoz conservas alimentares, armas, marroquins, coiros envernizados, um pianno liso, e bordados; ao passo que outra cidade tambem hanseatica, Hamburgo, forneceu á Exposição um contingente numeroso e variado de productos naturaes e manufacturados. O Holstein reuniu-se a esta cidade, e somente enviou cinco objectos, entre os quaes os entendedores admiram as amostras de obras de serigueiro, procedentes das fabricas de Altona. Os refinadores de Hamburgo appresentaram assucar de canna cristalisado, e moldes de pão de assucar de um brilho excellente por dentro.

«A industria dos moveis de luxo é a que predomina na exposição hamburgueza. Excita justamente a attenção dos visitantes do palacio de cristal um traste, que não se sabe que nome se lhe ha de dar; é feito de madeira roxa (palixandro) embutido com muito gosto, e serve ao mesmo tempo de carteira de escriptorio, de toucador, de meza do xadrez e de gueridon. Finalmente, as bellas-artes são representadas, da parte da cidade de Hamburgo, por uma linda estatua de M. W. Engelhardt, por uma figurinha em bronze de Ricardo coração de leão, e uma serie methodica de grandes desenhos de frisa, recordando as principaes scenas do Edda, e as tradições da mythologia do norte. Para dar desta frisa uma idéa em baixo re-

levo, M. Engelhardt modelou parte em gesso; é de mui puro gosto e de excellente effeito.

« Os instrumentos de musica expostos pela Alemanha do norte, são relativamente assas numerosos, mas não offerecem singularidade, á excepção de um par de timbales, cujas differentes toadas se regulam por meio de uma chave girante, posta aos lados do instrumento.

« Os cristaes e vidros são raros; todavia admira-se uma taça de cristal, onde o habil artista, M. Bohm, gravou a batalha de Arbelles. MM. Bufe de Cuxhaven enviaram dois modelos de navios, a que juntaram os desenhos e planos destas construcções, até em suas mais minuciosas circumstancias.

« Eis-aqui as principaes feições da exposição alemã, exceptuando o Zollwerein e a Austria: está bem longe de comprehender todos os productos naturaes e fabrís que lhe são proprios, e de que deveria offerecer resumo. Mas tendo-se quasi inteiramente abstido de concorrer o Hanover, o Holstein, Bremen, e Oldenburgo, não se podia esperar de uma cidade quasi exclusivamente commercial, como Hamburgo, uma exposição mais rica e mais completa do que a fornecida por ella.

« A exposição de armas e de quincalheria do Zollwerein, offerece real interesse aos productores inglezes e francezes; as fabricas de Solingen, de Reimscheid, de Nuremberg, de Sulh, de Iserlohn, expedem suas fazendas para todas as praças commerciaes, e por preço tão baixo que é impossivel fazer-lhes concorrencia neste ponto.

« E havemos de concluir dahi, como observa um escriptor competente, que os fabricantes inglezes e francezes devam baixar o preço da mão d'obra, isto é, o salario de seus operarios para descerem ao nivel do Zollwerein, e tirar-lhe assim os mercados de que estão de posse? E' evidente que não; pois que resultará necessariamente o contrario. Quando os fabricantes alemães se tiverem convencido da sua inferioridade, pelo exame dos productos que expõe a Europa occidental, conhecerão a necessidade de melhorar o seu fabrico, para não ficarem muito atrazados. Ora, o meio unico que lhes permittirá alcançar esse resultado será levantar o preço da mão d'obra em suas officinas, e por consequencia o preço da venda em todas as praças commerciaes, que fornecem ainda com exclusão das nações industriaes, onde é mais subido o salario e a somma de commodidades dos operarios é mais consideravel.

« Desta maneira, os mercados de venda do Zollwerein para objectos de quincalheria, cutelaria e serralheria são invadidos cada dia mais pelos productos das nações mais adiantadas, porque a navegação a vapor e os caminhos de ferro augmentam rapidamente em todos os pontos do globo os meios do bem-estar geral e por consequencia as exigencia dos consumidores.

« A Alemanha central fez na Exposição um alarde consideravel de todos os instrumentos antigos e ferramentas que ainda se empregam onde o vapor não substituiu a mão do homem. Correndo a vista por todas essas amostras de buris, cepilhos, limas, enxós, serras direitas, brocas, admira-se o como soube o homem por tão diversas formas afeiçoar o ferro e o aço para domar analyticamente a resistencia da materia inerte. Mas ao mesmo tempo pergunta-se que será feito de tudo isso quando o vapor tiver todas as applicações, que já hoje é tão facil prever.

« A grande parte das quincalherias do Zollwerein parecem-se tanto pela fórma que é quasi impossivel não as reputar exactamente similhantes: deste modo, os cadeados e fechaduras, que appareceram em mui avultado numero, são evidentemente feitos pelo mesmo modelo: bastaria expor algumas dezenas de amostras, em vez de tresentas ou quatrocentas, para dar exacta idéa desta manufactura. As fouces, que se exportam principalmente para a Polonia e para a Russia, bem indicam que este instrumento, tão formidavel nas recentes insurreições da Polonia, não tem passado por nenhuma casta de melhoramento desde a sua invenção, que se perde na escuridade das eras; pelo que é mui curioso comparal-o no pensamento com as maquinas de ceifar expostas pelos americanos.

« Em geral a serra direita predomina na exposição alemã, onde se veem raros exemplos de serras circulares. Este simples facto demonstra que os braços do homem ainda são empregados em Alemanha em operações trabalhosas, quando os industriaes francezes e inglezes ha muito tempo tem confiado essas operações aos motores mechanicos.

« Os specimens de lima são em muita quantidade, mas na fórma e qualidade mal excedem o mais trivial que neste genero conhecemos. Outro tanto se póde dizer da cutelaria, machados, fieiras, cabos e tornos, expostos na sala das maquinas. Sobresahem, todavia, as obras melhor trabalhadas da fabrica Linder de Solingen, e as que procedem de Reimscheid, que são de incontestavel superioridade tanto pelo que toca ao material como á mão de obra.

« Os cobres de lavores ficam muito abaixo dos de Paris e de Inglaterra, e as redes metalicas não chegam de modo algum ás que se fabricam em Schelestadt e Strasburgo.

« A Saxonia é muito pobre em quincalherias; expoz, porém, uma taboleta de obras finas de cuteleiro que não assentaria mal no most'ador de Sheffield ou de Chatellerault; e logo ao pé uma pequena maquina destinada a furar perolas e coraes, a qual annuncia trabalho adiantado e habil.

« A industria dos enfeites de ferro de Berlin está bastante decahida de seu antigo esplendor, sobre tudo depois do desenvolvimento que tomou em França o fabrico dos bronzes artisticos; por isso, nessa especialidade só ha obras mediocres, exceptuando, comtudo, leques de mui delicado trabalho, e adereces de mulher feitos com apurado gosto.

« As armas brancas occupam consideravel logar na exposição de productos metalicos do Zollwerein: é um fabrico em que se empregam milhares de braços. Uma casa de Solingen expoz modelos de todas as espadas adoptadas nos exercitos da Europa, alfanges adamascados á persa que decepam um cano de espingarda quasi tão facilmente como a haste de uma lança, folhas em fitas, alfanges lisos, e uma espada de honra de precioso trabalho, destinada ao general Klapka, o celebre defensor de Comorn. »

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 40).

62 NITRATO DE STRONCIANA. — Expositores e productores, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
63 SULPHATO DE FERRO NATURAL.
Vianna do Minho.
64 SULPHATO DE FERRO ARTIFICIAL — *Caparosa verde.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch & Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
Extrahido directamente do ferro e do acido sulphurico.
É empregado nas tinturarias.
65 SULPHATO DE FERRO — *Caparosa verde.* — Expositor e productor, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Extrahido de pyrites de ferro natural.
Empregado nas artes de tinturaria e estamparia.
66 SULPHATO DE COBRE — *Caparosa azul.* — Expositor e productor, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Extrahido do acido sulphurico sobre o cobre.
Emprega-se na tinturaria.
67 SULPHATO DE COBRE AMMONIACAL. — Expositor e productor, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado nos fogos artificiaes.
68 SULPHATO DE COBRE — *Caparosa azul.* — Expositor e fabricante, Ignacio Miguel Hirsch & Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
Empregado nas artes.
69 SULPHATO DE ZINCO — *Caparosa branca.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado nas artes.
70 MURIATO DE ESTANHO — *Sal de estanho.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado nas tinturarias.
71 ALVAIADE — *Carbonato de chumbo.* — Expositor e productor, Mario Norziglio.
Fabrica em Lisboa, no Poço do Bispo, unica deste producto em Portugal.
72 NITRATO DE CHUMBO. — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na estamparia.
73 CHROMATO DE CHUMBO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado nas pinturas a oleo
74 IODURETO DE POTASSIUM — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado na medicina.
75 ACETATO DE POTASSA — *Terra folhada.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na medicina.
76 TARTARATO DE POTASSA E SODA — *Sal da Rochella.* — Expositores e fabricantes, Serzedello e Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na medicina.
77 CHLORURETO DE CAL. — Expositores e fabricantes, Ignacio Miguel Hirsch & Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
Empregado nas artes.
78 BIOXIDO DE MERCURIO — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado na medicina veterinaria.
79 BICHLORURETO DE MERCURIO — *Solimão.* — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado na medicina.
80 BISULFURETO DE MERCURIO — *Vermelhão.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado nas artes.
81 TARTARATO DE POTASSA E DE ANTIMONIO — *Emetico.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na medicina.
82 QUARTZ LATIO.
Encontra-se em Abrantes. — Serve para o fabrico do vidro.
83 KAOLIN.
Provincia da Beira, districto de Aveiro, concelho d'Ovar, freguezia de S. Vicente d'Ovar.
Empregado no fabrico da porcelana.
84 KAOLIN FELDSPATHICO.
Porto, Rio Tinto.
85 KAOLIN ORTHOSICO.
Porto, Rio Tinto.
86 KAOLIN.
Porto, Rio Tinto.
87 ARGILLA BRANCA REFRACTARIA.
Provincia da Beira, Rio Vouga.
88 ARGILLA PRETA REFRACTARIA.
Provincia da Beira, Rio Vouga.
89 FELDSPATHO ORTHOSE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Estremoz, junto á villa, ao lado do nascente.
É deste barro que se faz a loiça muito estimada, chamada loiça de Estremoz.
90 GRANITO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Acha-se em Sines.
91 GRANITO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Monsaraz, freguezia de Corral, a meia legua leste d'Aldeia.

92 SYENITE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho dito, freguezia de Beringel, junto a Beringel.
Esta rocha é susceptivel de um bello polimento.

93 GRANITO SYENITICO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Arrayollos, no caminho entre esta villa e o Vimeiro.

94 GRANITO SYENITICO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Serpa, freguezia dita, sitio denominado da Pedra Longa.
Esta pedra é susceptivel de polimento e faz um bello effeito.

95 GRANITO SYENITICO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Montemór-o-Novo, junto á villa sobre a ribeira.

96 SYENITE PORPHYROIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, a um quarto de legua oeste de Montemór-o-Novo.

97 DIORITE PORPHYROIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Arronches, freguezia dita, a um quarto de legua da villa, estrada de Campo-Maior.

98 HYALONITE, passando ao *micaschisto* e contendo o *amphibole*. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho de Montemór-o-Novo, freguezia de Safira, sitio do Telegrapho.

99 SYENITE GRANITOIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Cavide, freguezia de Alter Pedroso, junto á Aldêa
Esta pedra, sendo polida, é de um bello effeito.

100 SYENITE GRANITOIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho d'Alvito, freguezia do Tourão; junto á povoação, sobre as margens do ribeiro Enxarrama.

101 PEGMATITES, passando a *protogina*. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, dentro da cidade. A maior parte das casas são edificadas com esta pedra.

102 GRANITO.
Provincia do Minho, districto de Vianna.

103 GRANITO.
Provincia do Minho, districto de Vianna.

104 GRANITO.
Provincia do Minho, districto de Vianna.

(Continúa.)

MAQUINA DE CONSTRUCÇÃO NACIONAL.

Sendo um dos objectos especiaes deste jornal vulgarisar todos os factos honrosos para a nossa industria, transcrevemos do *Nacional* do Porto com muito gosto o seguinte breve artigo.

Hontem pelas 9 horas da manhã tivemos a satisfação de assistir a um espectaculo que sobremodo nos agradou: experimentou-se na fabrica do Sr. José Barbosa, na rua de Fernandes Thomaz, uma machina de vapor para dar movimento ás machinas de fiação d'algodão e seda.

Esta machina é de *media pressão*, sem condensação, e é de uma simplicidade e elegancia admiraveis; e não obstante trabalhar pela primeira vez, e com a velocidade de 54 voltas por minuto, era tal a justeza e o bem acabado de todas as suas peças que não se sentia a mais leve tremura.

A caldeira é cilindrica; a chamma e o fumo, depois de percorrerem a parte inferior da mesma caldeira, entram n'uma *conducta* que a cerca em todo o seu comprimento para augmentar a superficie da evaporação, e aproveitar grande parte do calorico do fumo. Tem fluctuador com *assobio de alarme*, para avisar o dono do estabelecimento quando o fogueiro se descuide de introduzir a devida quantidade de agua na caldeira, que é quasi sempre a causa das explosões.

Tanto a machina como a caldeira foram construidas na muito acreditada fabrica do Sr. Henrique Petters, de Lisboa.

Congratulamos sinceramente o Sr. José Barbosa pelo grande desenvolvimento que vai dar ao seu estabelecimento, que, depois de prompto, será um dos melhores do Porto. É assim que se ganham titulos á estima publica, e é assim que nós desejamos vêr empregados os capitaes.

A esses que tanto gritam contra a associação, pedimos-lhes que deem um passeio até o estabelecimento do Sr. José Barbosa, que alli verão um bello exemplo dos principios que tanto abocanham. De um lado está a actividade, a intelligencia e o genio emprehendedor do sr. José Barbosa, e do outro estão proprietarios e capitalistas ricos da nossa provincia, que não se humilharam antes pelo contrario se exaltaram muito dando a mão e associando-se com um artista portuense.

Escusado será dizermos que assistiram muitos fabricantes, negociantes, e outras pessoas distinctas — e que todos admiraram a machina, e fizeram elogios, bem merecidos, ao constructor.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo V.

PETRUS IN CUNCTIS EST PETRUS IN VINCULIS.

(Continuado de pag. 55.)

Emquanto os padecentes deploram o roubo

e apertam as mãos na cabeça, o devoto por ares e ventos chegava a Monte-Mór. Perto da villa, descubriu de longe um cavalleiro muito bem montado. « Alli está o que me era preciso. Vinha do ceu um cavallo assim! » Dizendo isto comsigo entrou a scismar e apeou-se do macho, que estava no lastimoso estado da mulinha do Palito Metrico:

« Cortabat fios almæ quicumque videnti! »

Quando o marchante (era marchante o homem) se chegou ao pé delle, achou-o á borda do poço desfeito em lagrimas:

— « Salve-o Deus, que tem v. mercê? »

— « Ah, sr., não me diga nada. »

— « Qual! O que o afflige? Diga; desaffogue! »

— « Não tem remedio. Cahiu-me no poço a imagem de Nossa Senhora. Era de oiro, e não sei nadar. »

— « É só isso »

— « Acha pouco? Se não fosse prenda de minha mãe, não me affligia tanto. Mas deu-m'a ella á hora da morte... »

— « Console-se, que ha remedio, homem! Eu nado como um peixe e se lhe não tiro a imagem do fundo do poço, ninguem a tira. Segure-me o cavallinho, e livre-o de algum couce do macho, olhe que elle não se confessa. Está bom. Cuidado com essas bolças, que não estão vazias! Sentido! — Se larga da mão esse demonio saiba que o não apanha senão em Aldea-Gallega — é um virote a fugir. »

Dizendo isto o marchante despia-se na maior boa fé e deitava-se ao poço. A agua andava funda e o bocal não se podia alcançar debaixo com a mão. Apenas o pobre homem mergulhou, o devoto *Onofre* saltou no cavallo, segurou as bolças, e enrolando a roupa n'uma trouxa, prendeu-a á garupa. Depois chegou-se á bocca do poço e todo assucarado perguntou para baixo:

— « Está lá? »

— « Cá estou! »

— « Deixe-se estar. Ainda não achou? »

— « Não vejo nada! »

— « Pois eu já achei. Aonde quer que fique o cavallo e as bolças? »

— « Ah ladrão! Espera! Aqui de El-rei! Espera! »

— « Não enrouqueça sem precisão? Está-se aboberando; fique de gaiola, e dê muitas graças a Deus, porque não tem grilhão ao pé nem grade á roda. Sahe fresquinho como uma alface. Adeus. Saude. Olhe, o seu fato vae na garupa, escusa de procurar por elle! Para outra vez seja mais leve em vir ao de cima d'agoa, e menos facil em se deitar á boia. »

O triste marchante esconjurou-se dentro do poço mais de quatro horas, e o honrado Onofre não parou senão em Aldêa-Gallega, aonde entregou o cavallo quasi arrebentado, dizendo da parte da sua victima, que a esperassem por todo o dia seguinte, infallivelmente. Depois destas duas proezas veio para Lisboa, aonde constou que mudára o nome, mettendo-se donato na Penha de França. A sr.ª Perpetua das Dores, digna mãe adoptiva deste bom moço, vivia tambem na côrte com elle, e ambos se remediavam, comendo os ovos da gallinha de ouro apanhada em Evora e Monte-Mór.

O andador acabando de lêr os papeis estava frio de neve e cuberto de suores. O jesuita nunca tinha tirado os olhos de cima delle. Apenas viu a leitura concluida, estendendo a mão, disse:

— « Que me diz filho? Tinha genio o hypocrita! Forte pena! É verdade vamos aos signaes... esquecel-os-ia eu? Nada; cá estão. E esta!... É V. mercê tirado por uma penna. Nem dois irmãos gemeos?! Que singularidade! »

— « Jesus bento nome de Maria! V. paternidade atterra-me! Isso é engano. »

— « Está claro; o que ha de ser? Um mero acaso!... Entretanto mau é. Bem sabe os innocentes, que morreram de uma falsa similhança, por illusão da justiça; diz-se depois, eu cuidei, eu suppuz, mas o morto não resuscita. Deus nos livre de inimigos, e de más parecenças, sobre tudo, em devassa aberta, ou em denuncia ao Santo Officio. »

— « V. paternidade zomba! accudiu o devoto sorrindo com uma visagem avinagrada. »

— « Fallo muito serio. É peior parecel-o, do que sêl-o. Não disse nem digo outra coisa. »

— « Corpo Santo do meu Deus! É possivel que o justo pague pelo peccador? Que sirva de crime a cara a um innocente... »

— « Então! Nunca ouviu que pela bocca morre o peixe? Aqui o innocente morre por ter a cara do peccador. Não se amofine porém, o homem ha de apparecer... »

— « Mas V. paternidade percebe que o nome, a menor differença de feições... »

— « Valha-nos Deus, Thomé, valha-nos Deus! Eu percebo, bem vê. Os moralistas são da sua opinião, e tambem eu sou; mas que quer! Se

os ministros ateimam, e não sentenceiam senão pela contraria! Noto a reconvenção, não preciso que a faça. V. mercê defende-se com a differença do nome? Ora muito bem. Mas os juizes hão de responder, e aqui entre nós com sua rasão talvez, que os nomes mudam e as pessoas ficam! Terá de justificar, terá de provar, bem sei que não é nada para um homem honrado, que nunca se chamou Onofre, que sempre foi Thomé. Isto, já se vê, é fallar por exemplos, nada mais. Não se assuste.»

—« É que V. paternidade pinta tanto ao vivo!» observou o devoto arripiado como um janeiro.

—« Ha muito do vivo ao pintado, não tenha receio. Mas parece um laço do demonio. Ora oiça: são os signaes: «Rosto comprido e olhos pardos. Um pouco vesgo.» Observe mais, escute! «Altura? Um palmo acima da ordinaria.» Tal e qual! — Thomé encolheu-se. —« Côr esverdeada, tirante a cobre.» — O devoto sentia a cara em brasa, e julgou-se côr de pimentão. —« Nariz aquilino e uma verruga na ponta.» O nosso amigo metteu as unhas a igual verruga para a degolar. «Maneiras beatas e um ar no lado esquerdo.»

—« É mentira — berrou o milagreiro — é mentira! — Isto foi geito de nascença.»

— *Reum habemus confitentem!* — disse o padre de modo que o andador ouvisse; e mais alto accrescentou: «Ora pois! Nelle é um ar, em V. mercê é que foi um geito de nascença; póde admittir-se. Digo-lhes, porém, que a similhança é fatal... Occorre-me agora! Temos o remedio ao pé de casa. Dê-me um abraço pelo que vou dizer. Sabe que chegou o nosso padre Simões, e está em S. Roque? Pois é verdade. — Bem velhinho, coitado, mas rijo ainda. Quiz assistir aos exames. Iremos lá, e elle nos dirá... Tem alguma coisa, filho?»

Toda a impudencia do irmão das almas soçobrou com este ultimo golpe. Conheceu que estava dentro do laço e que todos os meios de se escapar tinham sido previstos com engenho e astucia superior. Então, mas tarde, entendeu o conselho salutar do dominico —« que a respeito dos jesuitas o melhor era fallar menos, e acautelar-se mais.» A forca e a fogueira já lhe dançavam diante da vista. Sentia o corpo em brasa e a garganta preza.

Por isso, depondo a dissimulação, deitou-se aos pés do jesuita, que o levantou com benevolencia, sem se desarmar do seu sorriso.

—« Pelo que vejo teme que se enganem os olhos do padre Simões? Não estranho; é natural. Mas que remedio? V. mercê queixava-se da heresia e da impiedade; até confundia a nossa roupeta com os peccadores que a vestem; um exemplo é indispensavel: magoa-me vêl-o afflicto; mas, diga, no meu logar, o que fazia?»

—« Fui temerario, meu padre, e Deus castiga-me. Se a justiça sabe estou perdido...»

—« Não o quero enganar; não se precipite. Não creio, não posso acreditar que V. mercê tenha medo de si a esse ponto. Seja forte, anime-se. Ora pois! Fallou da companhia sem temor de Deus e sem charidade christã? Se o seu coração lh'o diz, — que eu, repito, gostei de o ouvir e acho que fallou muito bem — se o seu coração o accusa, pense, excogite coisa do serviço da companhia, em que faça a reparação... O mal paga-se com o bem, ha de ter ouvido alguma vez.»

—« Oxalá que eu podesse, meu padre!»

—« Todos podemos alguma coisa. Ha inimigos, e mal de quem os não tem; ajudemo-nos uns aos outros... Siga por este thema, que ha de acertar. Diga-me: porque se não ha de pôr uma pedra em cima do tal roubo de Evora? Assim como assim o dinheiro está perdido; o que lhe parece? Deixemos o homem, e não se falle mais nisso.»

—« Acho excellente — justissimo!»

—« Previ logo que merecia a sua approvação. Então, ainda não achou nada no capitulo das operações moraes?»

—« Meu padre — exclamou o devoto em ancias — não attinjo, não descubro.»

—« Admira! Ora torne a reflectir: vá de vagar. O adagio diz: ajuda-me que eu te ajudarei. Temos inimigos. Ora se V. mercê podesse, se V. mercê quizesse, a companhia por exemplo resistia melhor aos seus; e com os padres de Jesus da sua parte o sr. Thomé achava-se tambem mais forte; figurei a hypothese: agora tire a conclusão. Ainda não entende?

—« Começo a perceber, meu padre.»

—« Estimo! Vamos optimamente. Com verdade, responda-me, não leva uma carta á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça, creio eu; da parte do padre João dos Remedios, de S. Domingos, ao secretario de estado de El-rei nosso senhor? Tenho uma idéa confusa... Veja se me ajuda. Estou perdido de memoria!...»

—« É o que V. paternidade diz. Levo-a em sendo oito horas.»

—« Optimo! Pode-me dizer agora o cami-

nho, que conta seguir para casa de Diogo de Mendonça? »

— « Irei por onde V. paternidade quizer. »

— « Valha-o Deus, homem! Pois eu quero, ou peço alguma coisa? Se deseja servir a companhia, se o seu coração o accusa de ter formado juizos temerarios a respeito della, digo só que eu iria de caminho por Santo Antão, e reconciliava-me com algum dos padres, comigo por exemplo, antes de entregar a carta. »

— « Mas é ir a Roma para chegar a Paris, reverendo padre. »

— « E duvida, por um pedaço mais, ganhar indulgencias da viagem?! . . . Indo por Hespanha chega mais depressa, é verdade, mas póde cahir nas mãos dos inimigos. Indo de volta, por Italia, demora-se, mas chega com certeza. A paciencia, filho, faz prodigios. »

— « Mas se não levo a carta fechada, se a entrego aberta. . . »

— « Aberta ou fechada quem fallou da carta? depois V. mercê deve notar que ha olhos que lêem tudo, até por cima do sobscripto. O Sr. Thomé põe a sua carta, aonde quer; para tratar primeiro da sua alma; ella é o importante. Observe que não estou suggerindo traição nem inconfidencia — longe de mim tal idéa. V. mercê não abre, não mostra, nem lê a carta. Agora se outro o fizer por interesse ou por curiosidade o que temos nós com isso? *Non mea culpa*, acabou-se! »

— « Irei por Santo Antão, *de caminho*, como V. paternidade aconselha. . . »

— « Observo-lhe que eu não aconselho nada. Deus me livre. Entenda-mo-nos! Quem aconselha participa do acto praticado. . . o que tenho feito apenas é dizer: « em seu logar, no seu caso de V. mercê, ia á Calcetaria passando por Santo Antão. Percebe? »

— « Percebo de mais, meu padre. »

— « Por onde tenciona voltar? »

— « Virei pedir a absolvição á casa professa de S. Roque. »

— « Fará muito bem. É preciso tempo sempre para formar uma verdadeira contricção. Vejo que intende as cousas — havemos de dar-nos perfeitamente. Ouve? Em chegando, mande chamar, logo, o padre Simões; hade reconcilial-o com muito gosto. »

— « O padre Simões! Jesus do ceu! »

— « Socegue. O nosso querido irmão tem a vista cançada — não conhece ninguem. Hade-o tractar com muita caridade! »

— « Posso então ficar certo? »

— « Certissimo, filho. Tudo bem pensado, estou pela sua opinião. Deixaremos em paz o Onofre. Diga-me, sabe de uns papeis da inquisição, que tinha o padre Fr. João dos Remedios, ha coisa de dois dias? — Tenho aqui uma nota. . . »

— « Eu verei. Sendo preciso V. paternidade póde contar. . . »

— « Pois não conto! Por ora, não. Veremos depois. Ande, vá com Deus que se faz tarde. Não quero que o nosso padre procurador espere por minha culpa. Quanto ao tal Onofre Crespo, se ouvir fallar delle. . . »

— « O que heide fazer? » — exclamou o devoto ainda tremulo.

— « Resar-lhe por alma, filho. Agora me lembra que falleceu. »

— « Deus o tenha á sua vista? » exclamou o andador, levantando os olhos ao ceu.

E com um sorriso falso ambos se apartaram seguindo cada qual para seu lado. O Sr. Thomé voltou para S. Domingos; o jesuita entrou para o seu collegio.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

I

O Lamina. [1]

D'alto peito, gorda perna;
Corpo esbelto, e bem fornido,
Alvo dente, bom cabello,
Penteado, e bem vestido;

Ha *velho* — *adonis* — *gaiteiro*,
Pifio Lamina, sem tento,
Que, se o vissem desfardado,
Sem as calças de *talento*,

Sem comprada cabelleira,
Sem o queixo elefantino;
Mais terror causára vel-o,
Do que o fantasma de Nino!

Quem julgar podéra nunca,
Ser torcida de algodão
Demolhada em *pas-chuli*,
O que vira, e homem não!

Que, o negrinho da suiça,
E das faces o rubôr,
Era branco deslavado,
Coberto d'alheia côr.

[1] Não temos, creio eu, palavra, que abranja, a um tempo, a dupla idéa de *velho-aperalvilhado*. Na falta de melhor termo adoptei — *lamina*; por me lembrar tel-o visto, em alguma comedia antiga, sob aquella acepção.

Que, no seu andar pausado,
No cadente bracejar,
Da cansada natureza
Seguia os módos e o ar.

Que, se no alto da ladeira,
Que subíra, attento pára,
Fingindo, em coisas vulgares,
Achar descoberta rara;

Ao longe, como quem busca,
Deitando vitrea luneta;
Passado tempo, marchando,
Depois de prévia careta;

Era estudo, e fingimento;
Arte, que vencer procura,
As faltas, que se não suprem;
Que, só tental-o é loucura.

— Se veste pesado fato,
Se come só carnes brancas,
Não é por gosto, é por força
Dos annos, que lhe vão d'ancas.

Se falla, e pára tossindo,
Se a custo as pernas arrasta,
É que a propria natureza,
Já não lhe é mãe, é madrasta.

E embora, dê longas horas
Ao 'spenicado *toilete*,
Os *cosméticos* não tapam
Carquilhas e joanête.

Debalde, a edade occulta.
Dando ao fogo a certidão;
O seu nome já soava
Nas guerras do Rossilhão.

Finja modos de mancebo,
Ande em sua companhia;
Usos seus, seu traje imite,
Já no baile, até ser dia;

Já dançando, já polkando,
Em finezas derretido,
Torturando a pobre dama,
Com palavras sem sentido;

Coitado! nenhuma illude.....
— Não é vida, amor, paixão,
D'insulsas, geladas frases,
Palavroso carrilhão.

É lance d'olhos furtivo,
Onde brilha ardente luz;
Que, na voz de humano peito,
Palpitando se traduz.

Não é discurso estudado,
É frenetico improviso;
É supremo extasi d'alma,
Imagem do paraiso.

Ha fogo d'ardentes annos
Nessa vida, nesse amor:
Ao sobir d'agra montanha,
Ha movimento, ha calor.

Mas lá nos confins da edade,
Pobre de ti — creatura!
Cada momento é um salto,
Caminho da sepultura.....

— Julga as damas cordeirinhos
Elle, a si, julga-se lobo;
E não vê, senil patéta,
Que só faz papel de bobo!

Seus galanteios escutam,
Dão-lhe á dança mão de par,
Umas vezes, por maldosas,
Outras, para disfarçar.

E dest'arte, vão cumprindo
Seu d'amor, doce preceito,
Por demais, a mão lh'emprestam,
Que apertou certo sugeito:

Havendo, dama, tão destra,
Em pontos de judiaria,
Que ao pobre Lamina estafa
Na *polkante* picaria:

Que, a cadencia de seus passos,
Encarece; — (á parte ri);
Que, seu par foi na *primeira*,
Na segunda *vis á vis:*

Que, braceira vae com elle,
Pelas salas, em passeio,
Porque diz: — ninguem d'um morto,
Tem ciume, nem receio:

E se emtanto a mamã olha,
Vê ao lado homem sesudo;
Abre o leque, — abâna, abâna,
E descança, que viu tudo! —

— Seus passinhos ameudando,
Corpo em dupla curvatura,
Niveo braco, ancho sopésa,
E, sem-sal caricatura,

Vae co'a dama conversando,
Que responde — sim, ou não;
D'outrem côrte recebendo,
A quem só dá atenção,

O paspalho, então estuda,
Dulcifica, a frase apura:
E *goloso*, diz comsigo:
Esta sim, tenho eu segura.

Se algum passa, e cumprimenta
Olha-o elle, com desdem.
«Importuno! (diz) — É muito
Não attendem a ninguem,

Nem, por verem, que *Vossencia*,
Praticava *intimamente*. . . »
— Eu! com quem? (diz ella rindo.)
Fallo assim a toda a gente. —

« Todavia — interromper-nos;
É de pouco delicado. . . »
— Ao contrario, seus discursos
São de moço bem creado. —

« Eu não, digo. . . — digo. . . digo. . .
Ella risse: — elle confuso,
Eis-lhe a voz, presa nas fauces,
Como porca em parafuso.

Já tranquillo, então prorompe
Em desculpas: — faz-se amavel:
Julgando boiar afunda-se;
Que a deidade, inexoravel,

Volve o rosto desdenhosa,
Vae direita onde se assente;
Larga o braço, — mal corteja,
E diz baixo — impertinente! —

O velho, retira *in albis*,
Sem, ao menos, ter merecido
Expressão *lenta* de affecto,
Esperançosa de sentido.

Ha depois novo derriço:
Algum, mais desfructador,
Chega ao velho, e de mansinho,
Chama-lhe — *conquistador!*

Alcunha-o de rei do baile,
Roubador da perfeição,
O verdugo dos mancebos,
Centro de bella attenção. . .

O basbaque, abrindo a bocca,
Em alvar, feia careta,
Agradece, faz que néga,
E, d'um sorvo, engole a peta.

Firme então, na crença louca,
Eil-o, qual judeu errante,
No *madâmico* serviço,
Andarilho circumstante.

Serve o chá, o doce, a neve;
Vae com ellas, ao *toilette;*
Diz-lhe as horas, — elogia-as;
Acompanha-as ao retrete,

Vae cem vezes á janella,
Espreitar, se chóve, ou não;
Por vêr — desce e sobe escadas,
Se chegou sege, ou carrão.

Uma, pede o seu *regalo*,
Outra, a *touca d'abafar;*
Esta, o *chaile*, aquella a *capa;*
Chega o Lamina a suar,

Coberto de *redingótes*,
Pardessus, e o mais da lista,
Qual, de feira, adelo errante,
Ou cabide de modista.

E cercado, — como o fôra,
Por cadetes, um sargento,
Entre a feminil gralhada,
Distribue-lhe o fardamento.

Vão descendo: — elle acompanha;
Vae metter na carruagem
As que póde. — Já partiram.
Caminhando na bagagem,

Já, por lama, frio, chuva,
Eis o Lamina embuçado,
Indo, em passo de patrulha,
A tossir, — de queixo atado.

Chega a casa, sem resfolgo;
Bateu, uma, outra argolada;
Bem o ouve, mas não abre,
A ciosa ama — creada.

Eil-o bate novamente,
Inda mais lhe bate o queixo;
Té, que alfim, puxam a corda,
F da porta, aberto o fecho,

Entra, e sobe tateando,
Ás escuras, que a malvada,
Por pirraça, a luz apaga,
Quando o sente pela escada.

— Boa noite — diz submisso,
Em tom de lamentação;
Tentando, com humildades,
Serenar o seu dragão.

Debalde; zelosa furia,
Em creada d'homem só,
Se, demais, este é caróla,
Na irmandade do chinó,

É qual bomba, dentro em casa,
Rebentando em mil pedaços,
Que suffoca, estruge, esmaga,
Com fumo, bulha, estilhaços.

Mais que espada alexandrina
Que o nó-gordio desatára,
É de lingua ciumenta,
Feminil, a força rara.

— Entretanto, a custo, o velho,
Põe-se em trajo de frasqueira;
Copo d'agua na banquinha,
O relogio á cabeceira;

E qual torta, estranha folha
Em bainha ferrugenta,
Assim, co'mirrado corpo,
Os lençoes, de vagar tenta.

Eil-o jaz. Mudo silencio
Só do quarto é perturbado
Pelo certo *tique-tique*
Do relogio pendurado.

O *maltez* entra de manso,
Salta á cama do patrão,
Acaçapa-se, ennovella-se,
Em fim, toma posição,

Quando a c'ruja da criada,
Que se não falla rebenta,
Vem trazer a lamparina,
E resmunga a mofinenta:

— Esta vida não é vida,
Tenho a paciencia gasta
São que horas, — quasi dia...
Para escrava já me basta.

Isto por uso e costume,
Deitar-me de madrugada!
Cuidarão que sou de ferro?
Que sou negra? — Sou criada...

Cuidam essas senhoritas,
Essas bonecas de trapo,
Que todo o mundo é doninha,
E só ellas são o sapo?!

Serão... — para esses basbaques,
Que, em vendo sáia de gomma,
Pasmam logo, nem que viram
O Padre Santo de Roma!

Cá por mim... — figas demonio!
Diz, e ao dito faz segunda
Feio gesto apropriado;
Cospe fóra, e segue a tunda:

Ah que se... Josefa Antunes,
Uma a uma... todas juntas,
Ora, aqui ás mãos colhera,
Saíriam... só defunctas —

« Vá, Josefa, deite-se, ande.
Não diz, que é tarde, que é dia?
Não dê, que fallar ao mundo.
Basta já de gritaria. »

— Isso mesmo! — Em casa, a negra,
Soffra, calle, — nem boqueje;
Os cavallões, lá por fóra,
Esses sim; — andam de sege!...

Mas, que me cortem a lingua,
Nem assim, m'heide callar. —
« Ó mulher, vá; não m'incite;
Por quem é, va-se deitar. »

« Não quero. » — Eil-a desata
Em berreiro esganiçado,
Foge o gato espavorido,
Salta o velho encanzinado:

Uma grita, outro ameaça;
Ella, quer-se ir logo embora;
Elle abranda, tosse, e pede
Que não vá: — eil-a, que chora...

Tambem elle!... Santo chôro,
Que serêna o vão furor;
Como, em camara comprada,
Deputado apagador.

— Assim, da esfalfada vida
Passa o resto sem bonança;
Em casa, ciume e trombas,
Por fóra, dura esquivança.

Teimoso socio, constante,
De risivel, louca empreza;
Por vencer, luctando morre,
A invencivel natureza.

Contrafeita creatura,
Inimiga do destino;
Quasi mumia semi-morta,
Dando-se ares de menino:

Eis o lamina. — É retrato,
Só contorno, a lapis preto;
Sem sombras; — por acabar...
Não sei mesmo, se esbocêto.

5 de Setembro de 1851.

J. DA C. CASCAES.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Viajante portuguez. — Um jornal de Barcelona diz a respeito das « Viagens ao Oriente » do Sr. José da Silva Porto, que alli se publicam, o seguinte: — « O interesse que inspira o conhecimento dos paizes que visitou, alguns dos quaes ainda não tinham sido bem estudados; a assignalada tendencia da nossa épocha para saber as leis e costumes de outros homens e sua historia e civilisação; os elementos que teve o auctor para desempenhar este assumpto na longa serie de 23 annos consagrados a tão arriscadas tarefas; nos fazem esperar com bom fundamento o feliz exito de sua recommendavel publicação.

« O Sr. Porto sahiu proscripto de Portugal, sua patria, no anno de 1828; dirigiu-se á America Meridional e depois de ter percorrido esta e a do Norte, passou ás ilhas de Sandwich, e destas ao continente Austral, á ilha da Nova Guiné, e pelo archipelago das barolinas visitou a China e correu a Asia. Tomando outro rumo seguiu a immensa costa de Guiné, e passando do archipelago de Cabo-Verde á Africa occidental, onde residiu, visitou a oriental e dirigindo-se desta pelo Oceano indico passou o estreito de Bal-el-Mandeb e pelo Mar Vermelho chegou a Suez e atravessou o deserto deste nome até á capital do Egypto. No Cairo mudou de proposito e projectou uma larga peregrinação naquellas regiões. Remontando o Nilo até Memphis examinou as vastas ruinas

de Thebas, as colossaes pyramides, os oasis verdejantes. Ao deixar a patria de Sesostris, cruzou de novo o deserto e navegando pela segunda vez no Mar Vermelho visitou Meca e progredindo pela Palestina encaminhou-se aos montes Sinai e Horeb, e dalli á terra de Canaan. Com o bordão de peregrino adorou os logares santos, subiu o Golgotha, approximou-se aos cedros do Libano, ás margens do Jordão, aos valles de Sichem, de Bethlem, de Nazareth, e assentou-se sobre as ruinas de Tyro e de Sydon. Dizendo religioso adeus aos logares que viram nascer e morrer o Redemptor do mundo, continuou sua viagem para Alepo, e atravessando a vasta peninsula da Asia Menor entrou pela Stambul dos turcos na antiga Byzancio.

« Além disto o Sr. Porto nestes ultimos annos penetrou por tres vezes no oriente, percorrendo e estudando a Syria, o Egypto, a Palestina.

« Tão dilatada serie de viagens reunida ao exame continuo das leis e habitos dos povos que visitou, ao estudo da sua historia e monumentos, á observação das bellezas artisticas e naturaes, deu-lhe um conhecimento vasto e profundo de mui importantes ramos do saber humano. Por estas rasões cremos que será lida com interesse a publicação do Sr. Porto e que proporcionará idéas para examinar, emoções que sentir, tanto ao politico como ao poeta, ao philosopho como ao historiador, e em geral a todos os apaixonados de viagens. »

Factos relativos á Exposição de Londres. — Constando que o encerramento da Exposição seria definitivamente no dia 11 de Outubro, muitos expositores estrangeiros se dirigiram á commissão executiva para saberem se poderiam pôr á venda em leilão ou de outro modo, mesmo no edificio da Exposição, os objectos que para alli mandaram. Respondeu-se-lhes negativamente. Os commissarios regios não tem a menor intenção de se desviarem da regra que estabeleceram de não permittir venda alguma no edificio de Hyde-Park. Comtudo, os expositores que quizerem dispor de suas fazendas tem inteira liberdade de o fazer em outra qualquer parte, entregando-as, porém, sómente passado o dia 15 do mez proximo. Nesta épocha, os expositores, quer tenham vendido quer não, deverão retirar tudo o mais breve possivel, porquanto os commissarios terão de pagar aluguer do edificio a contar do dia do encerramento.

— Calcula-se que até fechar-se a Exposição a receita subirá a quatrocentas mil libras esterlinas (quatro milhões de cruzados). As despezas totaes montarão a metade desta quantia, restando por tanto duzentas mil libras disponiveis para objectos de utilidade publica.

— A corveta de guerra franceza *Licorne*, e o vapôr *Tanger* chegaram a Woolwich, e immediatamente passaram a Deptford, depois de terem desembarcado a polvora em Purfleet. O motivo da visita destes dois navios explica-se pela seguinte ordem do almirantado communicada ao commodore Henrique Eden, superintendente dos estaleiros de S. M. B. em Woolwich: — « Almirantado, 19 de agosto. Tendo o governo francez annunciado a sua intenção de enviar a Londres pela corveta *la Licorne*, commandada por Mr. Jehenne, e escoltada pelo vapôr *le Tanger*, os alumnos da eschola naval de Brest, ordenamos que sejam admittidos a visitar os arsenaes, e o departamento naval na Exposição. Devo tambem dizer-vos que é da intenção de suas senhorias que façais favoravel acolhimento ao capitão Jehenne e empregueis todo o cuidado em que os alumnos possam visitar o arsenal ou qualquer outro estabelecimento publico que lhes convenha examinar. — Os dois navios ficarão aqui por seis semanas, prazo da licença concedida aos alumnos para verem a Exposição e os arsenaes. »

Avantajadas producções vegetaes. — Diz o *Echo* do Porto que Bernardo Pereira, cazeiro em Guifões, teve um pé de milho que produziu treze espigas ou maçarocas, outro doze, e outro oito. — Escreve o redactor do mesmo jornal que um amigo seu havia comprado um melão que pezava uma arroba e um arratel, pelo preço de 210 réis.

Ascensão ao Monte-Branco. — M. Alber Schmith, litterato inglez e mais tres compatriotas seus, alumnos das universidades de Oxford e Dublin' esperavam havia oito dias em Chamounix que o tempo lhes permittisse trepar aos cumes do gigante dos Alpes. A final aos 11 de agosto passado, a atmosphera poz-se limpa; e João Tairraz, um dos mais experientes guias do valle, não hesitou em aconselhar a subida, e tomou o commando tendo escolhido quinze de seus camaradas, que pela maior parte haviam já feito ou tentado a perigosa viagem.

Fizeram-se ápressa os preparativos; colligiram-se entre outros comestiveis sessenta frangos, dezoito quartos de carneiro, sessenta garrafas de vinho velho, tres de aguardente de Cognac, duas de Champagne, em summa, quanto aquelles habitantes das montanhas calcularam necessario durante tres dias para 16 guias e os quatro inglezes. Moços de fretes, que acompanham sempre os guias para lhes poupar as forças, carregaram uns com as munições de boca outros com as lanternas, cobertores etc. e tambem iam munidos de grossas taxas para os sapatos.

No dia 12 ás oito da manhã, os viajantes e os guias, providos todos de oculos verdes e de veus nos chapeus, e armados de grandes bordões calçados de ferro, partiram de Chamounix, os guias a dois e dois e os moços carregados atraz. As mulheres e os amigos que ficaram na falda da serra assistiram á partida sem receios nem lagrimas; o céu estava tão puro, e os caminhantes eram tão moços e robustos que não havia que suspeitar perigos.

Feitas as despedidas, cada um procurou paragem donde melhor podesse acompanhar com a vista o progresso dos ousados viajantes; uns sobiram até a cruz de Flegére, outros ao monte Brevent. Primeiro viram-os passar felizmente além da grande geleira de Bossons; encontrarem em Pierre-de-l'Echelle a escada que se deixa alli e que serve para galgar as fendas do gelo, e chegarem á raiz dos rochedos denominados Grands-Mulets. Alli separaram-se dos portadores da comida e mais objectos, tomaram lenha de alguns troncos dos ultimos pinheiros que se topam naquellas alturas, e ás quatro e meia da tarde achavam-se sobre o fraguedo dos Grands-Mulets, onde tinham de passar a noite. Viu-se que accenderam lume e se deitaram de redor, depois a noite os escondeu aos olhos dos habitantes do valle.

João Tairraz, capataz dos guias, contou assim a ascensão. — «Vendo que ninguem dormia, que a noite estava clara e que as historias lugubres que os guias referem não deixavam de inspirar inquietações na comitiva, dei ás onze e meia o signal de marcha; quatro de meus homens tomaram lanternas, ammarraram-se uns aos outros por uma corda e foram descobrir caminho; encontraram um fojo immenso que não existia no anno passado, e gastaram-se tres quartos de hora para achar a extremidade: o restante da companhia poz-se silenciosamente em marcha.

Amarrados uns aos outros saltamos muitas fendas, das quaes a mais larga tinha seis pés, servindo-nos de ponte a escada, e tendo aberto no gelo duzentos a tresentos degraus que iamos alargando cada um de nós a subir, assim chegamos ao cimo do Monte-Branco ás nove da manhãa, seguidos de tres mancebos guias voluntarios.

Nenhuma nuvem se descortinava no horisonte, e dei parabens a mim mesmo por ter abalado tão cedo dos Grands-Mulets, porque tivemos de soffrer menos pela rarefacção do ar, e achamos a neve bastante solida para poder com o nosso pezo.

Os viajantes e alguns guias cederam á necessidade do somno que os perseguia. Ao cabo de dez minutos de descanço, bebemos vinho de Champagne á saude da rainha d'Inglaterra; e depois de havermos contemplado extaticos a Suissa, a Sardenha, a Lombardia, o Jura e uma parte da França, principiamos a descer alegremente e sem perjuizo. Nos Grands-Mulets recolhemos os nossos cobertores e resto de mantimentos que deixaramos alli, e viemos dar ás cinco horas da tarde á cascata do peregrino, onde as cavalgaduras esperavam os viajantes.»

Pelo fim da tarde, fogos de artificio annunciaram que da planicie era vista a caravana; toda a aldea sahiu ao encontro dos viajantes, e vimol-os entrar em Chamounix a dois e dois na mesma ordem da partida; mas não eram as mesmas caras alvas e rosadas, nem os olhos vivos, nem o andar ligeiro da vespera; os viajantes traziam o rosto de um vermelho sanguineo como se lhe houvessem esfolado a epiderme; os olhos injectados de sangue eram os orgãos que mais padeceram. Alguns tiveram de ficar em casa por alguns dias com uma pala diante dos olhos. Não obstante estes leves inconvenientes, causados pela reverberação do sol em a neve, todos voltaram mui contentes da viagem e jactanciosos de se terem juntado vinte pessoas no cume do Monte-Branco, cousa que, no dizer dos anciãos de Chamounix, nunca se tinha visto.

Esta ascensão (acrescenta a carta, que acabamos de extractar) custará a cada um dos viajantes quarenta libras esterlinas pouco mais ou menos.